

NOVA EDIÇÃO

Concepção e organização de

CARL G. JUNG



○ Homem  
e seus Símbolos

 Harper  
Collins

# O Homem e seus Símbolos

3ª edição especial brasileira

Concepção e organização de  
**CARL G. JUNG**

Participação de  
John Freeman, M.-L. von Franz,  
Joseph L. Henderson,  
Jolande Jacobi, Aniela Jaffé

Tradução de  
María Lúcia Pinho

 HarperCollins *Brasil*

Rio de Janeiro, 2016

Título original: MAN AND HIS SYMBOLS

© 1964 Aldus Books Limited, Londres

exceto o capítulo 2, intitulado “Os mitos antigos e o homem moderno”, do dr. Joseph L. Henderson. Os direitos desse capítulo são expressamente negados à publicação nos Estados Unidos.

© para a língua portuguesa da Casa dos Livros LTDA.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela CASA DOS LIVROS EDITORA LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

CONTATOS

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3175-1030

EDITORES DA ALDUS

EDITOR

*Carl G. Jung*

e, após sua morte, *M.-L. von Franz*

COORDENADOR EDITORIAL

*John Freeman*

TEXTO

*Douglas Hill*

DESIGN

*Michael Kitson*

PESQUISA

*Margery MacLaren*

AUXILIARES

*Gilbert Doel*

*Marian Morris*  
*Michael Lloyd*

CONSELHEIROS

*Donald Berwick*  
*Norman MacKenzie*

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H724

3.ed.

O homem e seus símbolos / Carl G. Jung... [et al.] ; [concepção e organização Carl G. Jung] ; tradução de Maria Lúcia Pinho. -  
3.ed.especial. - Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2016.  
il.

Tradução de: Man and His Symbols  
ISBN 9788595081468

1. Simbolismo (Psicologia). I. Jung, C.G. (Carl Gustav), 1875-1961.

CDD: 154

CDU: 159.96



## INTRODUÇÃO: JOHN FREEMAN

As origens deste livro, dada sua singularidade, são por si só interessantes, mesmo porque apresentam uma relação íntima entre o seu conteúdo e aquilo a que ele se propõe. Por isto, conto-lhes como ele veio a ser escrito.

Num dia da primavera de 1959, a BBC (British Broadcasting Corporation) convidou-me a entrevistar o dr. Carl Gustav Jung para a televisão inglesa. A entrevista deveria ser feita “em profundidade”. Naquela época, eu pouco sabia a respeito de Jung e de sua obra, e fui então conhecê-lo em sua bela casa, à beira de um lago, perto de Zurique. Iniciou-se assim uma amizade que teve enorme importância para mim e que, espero, tenha trazido uma certa alegria a Jung nos seus últimos anos de vida. A entrevista para a televisão já não cabe nesta história a não ser para mencionar que alcançou sucesso e que este livro é, por estranha combinação de circunstâncias, resultado daquele sucesso.

Uma das pessoas que assistiram àquela entrevista foi Wolfgang Foges, diretor-gerente da Aldus Books. Desde a infância, quando foi vizinho dos Freud, em Viena, Foges era profundamente interessado na psicologia moderna. E enquanto observava Jung falando sobre sua vida, sua obra e suas ideias, pôs-se a lamentar que, enquanto as ideias gerais do trabalho de Freud eram bem conhecidas pelos leitores cultos de todo o mundo ocidental, Jung nunca conseguira chegar ao público comum e sua leitura era considerada extremamente difícil.

Na verdade, Foges é o criador de *O homem e seus símbolos*. Tendo captado pela TV o afetuoso relacionamento que me ligava a Jung, perguntou-me se não me uniria a ele para, juntos, tentarmos persuadir Jung a colocar algumas das suas ideias básicas em

linguagem e dimensão acessíveis ao leitor não especializado no assunto. Entusiasmei-me com o projeto e, mais uma vez, dirigi-me a Zurique decidido a convencer Jung do valor e da importância de tal trabalho. Jung, no seu jardim, ouviu-me quase sem interrupção durante duas horas — e respondeu não. Disse-o de maneira muito gentil, mas com firmeza; nunca havia tentado, no passado, popularizar a sua obra, e não tinha certeza de poder fazê-lo agora com sucesso; e, de qualquer modo, estava velho, cansado e sem ânimo para empreender uma tarefa tão vasta e que lhe inspirava tantas dúvidas.

Os amigos de Jung hão de concordar comigo que ele era um homem de decisões positivas. Pesava cada problema com cuidado e sem pressa, mas quando anunciava uma resposta, esta era habitualmente definitiva. Voltei a Londres bastante desapontado e convencido de que a recusa de Jung encerrava a questão. E assim teria acontecido, não fora a interferência de dois fatores que eu não havia previsto.

Um deles foi a persistência de Foges, que insistiu em mais um encontro com Jung antes de aceitar a derrota; o outro foi um acontecimento que ainda hoje me espanta.

O programa de televisão, como disse, obteve muito sucesso. Trouxe a Jung uma infinidade de cartas de todo tipo de gente, pessoas comuns, sem qualquer experiência médica ou psicológica, que ficaram fascinadas pela presença dominadora, pelo humor e encanto despretenso daquele grande homem; pessoas que perceberam na sua visão da vida e do ser humano alguma coisa que lhes poderia ser útil. E Jung ficou feliz, não só pelo grande número de cartas (sua correspondência era imensa àquela época), mas também por terem sido mandadas por gente com quem normalmente não teria tido contato algum.

Foi nessa ocasião que teve um sonho muito importante para ele. (E, à medida que você for lendo este livro, compreenderá o quanto isto pode ser importante.) Sonhou que, em lugar de se sentar no seu escritório para falar a ilustres médicos e psiquiatras do mundo inteiro que costumavam procurá-lo, estava de pé num local público dirigindo-se a uma multidão de pessoas que o ouviam com extasiada atenção e que *compreendiam o que ele dizia...*

Quando, uma ou duas semanas depois, Foges renovou o pedido para que Jung se dedicasse a um novo livro destinado não ao ensino clínico ou filosófico, mas às pessoas que vão ao mercado, à feira, enfim, ao homem comum, Jung deixou-se convencer. Impôs duas condições. Primeiro, que o livro não fosse uma obra individual, mas sim coletiva, realizada em colaboração com um grupo dos seus mais íntimos seguidores por meio dos quais tentava perpetuar seus métodos e ensinamentos; segundo, que me fosse destinada a tarefa de coordenar a obra e solucionar quaisquer problemas que surgissem entre os autores e os editores.

Para não parecer que esta introdução ultrapassa os limites da mais razoável modéstia, deixem-me logo confessar que esta segunda condição me gratificou — mas moderadamente. Pois logo tomei conhecimento de que o motivo de Jung me haver escolhido fora, essencialmente, por considerar-me alguém de inteligência regular, e não excepcional, e também alguém sem o menor conhecimento aprofundado de psicologia. Assim, para Jung, eu seria o “leitor de nível médio” deste livro; o que eu pudesse entender haveria de ser inteligível para todos os interessados; aquilo em que eu vacilasse possivelmente pareceria difícil ou obscuro para alguns.

Não muito envaidecido com esta estimativa da minha função, insisti, no entanto, escrupulosamente (algumas



vezes, receio, até a exasperação dos autores), que cada parágrafo fosse escrito e, se necessário, reescrito com uma tal clareza e objetividade que posso afirmar com certeza que este livro, no seu todo, é realmente destinado e dedicado ao leitor comum e que os assuntos complexos de que trata foram cuidados com rara e estimulante simplicidade.

Depois de muita discussão concordou-se que o tema geral deste livro seria o homem e seus símbolos. E o próprio Jung escolheu como seus colaboradores a dra. Marie Louise von Franz, de Zurique, talvez sua mais íntima confidente e amiga; o dr. Joseph L. Henderson, de São Francisco, um dos mais eminentes e creditados junguianos dos Estados Unidos; a sra. Aniela Jaffé, de Zurique, que além de ser uma experiente analista, foi secretária particular de Jung e sua biógrafa; e o dr. Jolande Jacobi, que é, depois de Jung, o autor de maior número de publicações do círculo junguiano de Zurique. Estas quatro pessoas foram escolhidas em parte devido ao seu conhecimento e prática nos assuntos específicos que lhes foram destinados, mas também porque Jung confiava totalmente no seu trabalho escrupuloso e altruísta, sob a sua direção, como membros de um grupo. Coube a Jung a responsabilidade de planejar a estrutura geral do livro, supervisionar e dirigir o trabalho de seus colaboradores e escrever, ele próprio, o capítulo fundamental: “Chegando ao inconsciente.”

O seu último ano de vida foi praticamente dedicado a este livro; quando faleceu, em junho de 1961, a sua parte estava pronta (terminou-a apenas dez dias antes de adoecer definitivamente) e já aprovara o esboço de todos os capítulos dos seus colegas. Depois de sua morte, a dra. Von Franz assumiu a responsabilidade de concluir o livro, de acordo com as expressas instruções de Jung. A essência de *O homem e seus símbolos* e o seu plano geral foram, portanto, traçados — e

detalhadamente — por Jung. O capítulo que traz o seu nome é obra sua e de mais ninguém (fora alguns extensos comentários que facilitarão a compreensão do leitor comum), sendo, incidentalmente, escrito em inglês. Os capítulos restantes foram redigidos pelos vários autores, sob a direção e supervisão de Jung. A revisão final da obra completa, depois da morte de Jung, foi feita pela dra. Von Franz, com tal dose de paciência, compreensão e bom humor que nos deixou, a mim e aos editores, em inestimável débito.

Finalmente, quanto à essência do livro.

O pensamento de Jung coloriu o mundo da psicologia moderna muito mais intensamente do que percebem aqueles que possuem apenas conhecimentos superficiais do assunto. Termos como, por exemplo, “extrovertido”, “introvertido” e “arquétipo” são todos conceitos seus que outros tomam de empréstimo e muitas vezes empregam erroneamente. Mas a sua mais notável contribuição ao conhecimento psicológico é o conceito de inconsciente — não como uma espécie de “quarto de despejos” dos desejos reprimidos (como é para Freud), mas como um mundo que é parte tão vital e real da vida de um indivíduo quanto o é o mundo consciente e “meditador” do ego. Além de infinitamente mais amplo e mais rico. A linguagem e as “pessoas” do inconsciente são os símbolos, e os meios de comunicação com este mundo são os sonhos.

Assim, um estudo do homem e de seus símbolos é, efetivamente, um estudo da relação do homem com o seu inconsciente. E como, segundo Jung, o inconsciente é o grande guia, o amigo e conselheiro do consciente, este livro está diretamente relacionado com o estudo do ser humano e de seus problemas espirituais. Conhecemos o inconsciente e com ele nos comunicamos (um serviço bidirecional) sobretudo por meio dos sonhos; e do começo ao fim deste livro (principalmente no capítulo de

autoria de Jung) fica patente quanta importância é dada ao papel do sonho na vida do indivíduo.

Seria impertinente da minha parte tentar interpretar a obra de Jung para os leitores, muitos deles decerto mais bem qualificados para compreendê-la do que eu. A minha tarefa, lembremo-nos, foi simplesmente servir como uma espécie de “filtro de inteligibilidade”, e nunca como intérprete. No entanto, atrevo-me a expor dois pontos gerais que, como leigo, parecem-me importantes e que possivelmente poderão ajudar a outros, também não especialistas no assunto. O primeiro destes pontos diz respeito aos sonhos. Para os junguianos, o sonho não é uma espécie de criptograma padronizado que pode ser decifrado por meio de um glossário para a tradução de símbolos. É, na verdade, uma expressão integral, importante e pessoal do inconsciente particular de cada um e tão “real” quanto qualquer outro fenômeno vinculado ao indivíduo. O inconsciente individual de quem sonha está em comunicação apenas com o sonhador e seleciona símbolos para seu propósito, com um sentido que diz respeito apenas a ele. Assim, a interpretação dos sonhos, por um analista ou pela própria pessoa que sonha, é para o psicólogo junguiano uma tarefa inteiramente pessoal e particular (e algumas vezes, também, uma tarefa longa e experimental) que não pode, em hipótese alguma, ser executada empiricamente.

Isso significa que as manifestações do inconsciente são da maior importância para quem sonha — o que é lógico, pois o inconsciente é pelo menos a metade do ser total — e oferece-lhe, quase sempre, conselhos ou orientações que não poderiam ser obtidos de qualquer outra fonte. Assim, quando descrevi o sonho de Jung dirigindo-se a uma multidão, não estava relatando um passe de mágica ou sugerindo que Jung fosse algum quiromante amador, e sim como, em simples termos de uma experiência

cotidiana, Jung foi “aconselhado” pelo seu próprio inconsciente a reconsiderar um julgamento supostamente adequado feito pela parte consciente de sua mente.

Resulta disso tudo que sonhar não é assunto que o junguiano considere simples casualidade. Ao contrário, a capacidade de estabelecer comunicação com o inconsciente faz parte das faculdades do homem e os junguianos “ensinam-se” a si próprios (não encontro melhor termo) a tornarem-se receptivos aos sonhos. Quando, portanto, o próprio Jung teve que enfrentar a decisão crítica de escrever ou não este livro, foi capaz de buscar recursos no consciente e no inconsciente para tomar uma decisão. E, em toda esta obra, você vai ver o sonho como um meio de comunicação direto, pessoal e significativo com aquele que sonha — um meio de comunicação que usa símbolos comuns a toda a humanidade, mas que os emprega sempre de modo inteiramente individual, exigindo para a sua interpretação uma “chave”, também inteiramente pessoal.

O segundo ponto que desejo assinalar é a respeito de uma particularidade de argumentação comum a todos os que escreveram este livro — talvez a todos os junguianos. Aqueles que se limitam a viver inteiramente no mundo da consciência e que rejeitam a comunicação com o inconsciente prendem-se a leis formais e conscientes de vida. Com a lógica infalível (mas muitas vezes sem sentido) de uma equação algébrica, deduzem das premissas que adotam conclusões incontestavelmente inferidas. Jung e seus colegas parecem-me (saibam eles ou não disso) rejeitar as limitações deste método de argumentação. Não é que desprezem a lógica, mas evidenciam estar sempre argumentando tanto com o inconsciente quanto com o consciente. O seu próprio método dialético é simbólico e

muitas vezes sinuoso. Convencem não por meio do foco de luz direto do silogismo, mas contornando, repisando, apresentando uma visão repetida do mesmo assunto cada vez de um ângulo ligeiramente diferente — até que, de repente, o leitor, que não se dera conta de uma única prova convincente, descobre que, sem perceber, recebeu e aceitou alguma verdade maior.

Os argumentos de Jung (e os de seus colegas) sobem em espiral por sobre um assunto como um pássaro que voa em torno de uma árvore. No início, tudo o que vê, perto do chão, é uma confusão de galhos e folhas. Gradualmente, à medida que voa mais alto, os diversos aspectos da árvore repetindo-se formam um todo que se integra no ambiente em torno. Alguns leitores podem achar este método de argumentação “em espiral” um tanto obscuro e até mesmo desordenado durante algumas páginas — mas penso que não por muito tempo. É um processo característico de Jung e logo o leitor vai descobrir que está sendo transportado numa viagem persuasiva e profundamente fascinante.

Os capítulos deste livro falam por si mesmos e não pedem maiores explicações. O capítulo do próprio Jung apresenta o leitor ao inconsciente, aos arquétipos e símbolos que constituem a sua linguagem e aos sonhos através dos quais ele se comunica.

O dr. Henderson ilustra, no capítulo seguinte, o aparecimento de vários arquétipos da antiga mitologia, das lendas folclóricas e dos rituais primitivos. A dra. Von Franz, no capítulo intitulado “O processo da individuação”, descreve o processo pelo qual o consciente e o inconsciente do indivíduo aprendem a conhecer, respeitar e acomodar-se um ao outro. Num certo sentido, esse capítulo encerra não apenas o ponto crucial de todo o livro, mas, talvez, a essência da filosofia de vida de Jung: o homem só se torna um ser integrado, tranquilo, fértil e feliz quando (e só então) o seu processo

de individuação está realizado, quando consciente e inconsciente aprendem a conviver em paz e completando-se um ao outro. A sra. Jaffé, tal como o dr. Henderson, preocupa-se em demonstrar, na estrutura familiar do consciente, o constante interesse do homem — quase uma obsessão — pelos símbolos do inconsciente. Esses símbolos exercem no ser humano uma atração íntima profundamente significativa e quase alentadora — tanto nas lendas e nos contos de fadas que o dr. Henderson analisa quanto nas artes visuais que, como mostra a sra. Jaffé, nos divertem e deliciam num apelo constante ao inconsciente.

Por fim, devo dizer algumas breves palavras acerca do capítulo do dr. Jacobi, de certa forma um capítulo à parte neste livro. É, na verdade, a história resumida de um interessante e bem-sucedido caso de análise. É evidente o valor de tal capítulo em um trabalho como este, mas duas palavras de advertência fazem-se necessárias. Em primeiro lugar, como a dra. Von Franz ressalta, não existe exatamente uma análise junguiana típica, já que cada sonho é uma comunicação particular e individual, e dois sonhos nunca usam da mesma maneira os símbolos do inconsciente. Portanto, toda análise junguiana é um caso único e seria ilusório considerarmos esta, retirada do fichário do dr. Jacobi (ou qualquer outra), como “representativa” ou “típica”. Tudo o que se pode dizer sobre o caso de Henry e de seus sonhos por vezes sinistros é que são um bom exemplo da aplicação do método junguiano a um determinado caso. Em segundo lugar, quero observar que a história completa de uma análise, mesmo de um caso relativamente simples, ocuparia todo um livro para ser relatada. Inevitavelmente, portanto, a história da análise de Henry prejudica-se um pouco com o resumo feito. As referências, por exemplo, ao *I Ching* não estão bastante claras e emprestam-lhe um sabor de ocultismo pouco

verdadeiro, por terem sido apresentadas fora do seu contexto global. Conclui-se, no entanto — e estou certo de que o leitor também há de concordar —, que, apesar destas observações, a clareza, sem falar no interesse humano, da análise de Henry muito enriquece este livro.

Comecei contando como Jung veio a escrever *O homem e seus símbolos*. Termino lembrando ao leitor quão extraordinária — talvez única — é a publicação desta obra. Carl Gustav Jung foi um dos maiores médicos de todos os tempos e um dos grandes pensadores do século XX. Seu objetivo sempre foi o de ajudar homens e mulheres a se conhecerem melhor para que, por meio deste conhecimento e de um refletido autocomportamento, pudessem usufruir vidas plenas, ricas e felizes. No fim de sua vida, que foi tão plena, rica e feliz como poucas conheci, ele decidiu empregar as forças que lhe restavam para endereçar a sua mensagem a um público maior do que aquele que até então alcançara. Terminou esta tarefa e a sua vida no mesmo mês. Este livro é o seu legado ao grande público leitor.

# SUMÁRIO

I. Chegando ao inconsciente

*Carl G. Jung*

II. Os mitos antigos e o homem moderno

*Joseph L. Henderson*

III. O processo de individuação

*M.-L. von Franz*

IV. O simbolismo nas artes plásticas

*Aniela Jaffé*

V. Símbolos em uma análise individual

*Jolande Jacobi*

Conclusão

*M.-L. von Franz*

Notas

Fontes iconográficas



1

CHEGANDO AO INCONSCIENTE  
Carl G. Jung



Entrada do túmulo do faraó Ramsés III.

## A IMPORTÂNCIA DOS SONHOS

O homem utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja comunicar. Sua linguagem é cheia de símbolos, mas ele também, muitas vezes, faz uso de sinais ou imagens não estritamente descritivos. Alguns são simples abreviações ou uma série de iniciais como ONU, Unicef ou Unesco; outros são marcas comerciais conhecidas, nomes de remédios patenteados, divisas e insígnias. Apesar de não terem nenhum sentido intrínseco, alcançaram, pelo seu uso generalizado ou por intenção deliberada, significação reconhecida. Não são símbolos: são sinais, e servem apenas para indicar os objetos a que estão ligados.

O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. Muitos monumentos cretenses, por exemplo, trazem o desenho de um duplo enxó. Conhecemos o objeto, mas ignoramos suas implicações simbólicas. Tomemos como outro exemplo o caso de um indiano que, após uma visita à Inglaterra, contou aos seus amigos que os britânicos adoravam animais, isso porque vira inúmeros leões, águias e bois nas velhas igrejas. Não sabia (tal como muitos cristãos) que estes animais são símbolos dos evangelistas, símbolos provenientes de uma visão de Ezequiel que, por sua vez, é análogo a Horus, o deus egípcio do Sol, e seus quatro filhos. Existem, além disso, objetos como a roda e a cruz, conhecidos no mundo

inteiro, mas que possuem, sob certas condições, um significado simbólico.

O que simbolizam exatamente ainda é motivo de controversas suposições.

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-lo ou explicá-lo. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão. A imagem de uma roda pode levar nossos pensamentos ao conceito de um Sol “divino” mas, neste ponto, nossa razão vai confessar a sua incompetência: o homem é incapaz de descrever um ser “divino”. Quando, com toda a nossa limitação intelectual, chamamos alguma coisa de “divina”, estamos dando-lhe apenas um nome, que poderá estar baseado em uma crença, mas nunca em uma evidência concreta.

Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que frequentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões por que todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem através de imagens. Mas esse uso consciente que fazemos de símbolos é apenas um aspecto de um fato psicológico de grande importância: o homem também produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, na forma de sonhos.



Três dos quatro evangelistas (baixo-relevo da catedral de Chartres) representados sob a forma de animais: o leão é Marcos, o boi, Lucas, a águia, João.



Também aparecem como animais três dos filhos do deus egípcio Horus, (aproximadamente do ano 1250 a.C.). Animais e grupos de quatro são símbolos religiosos universais.



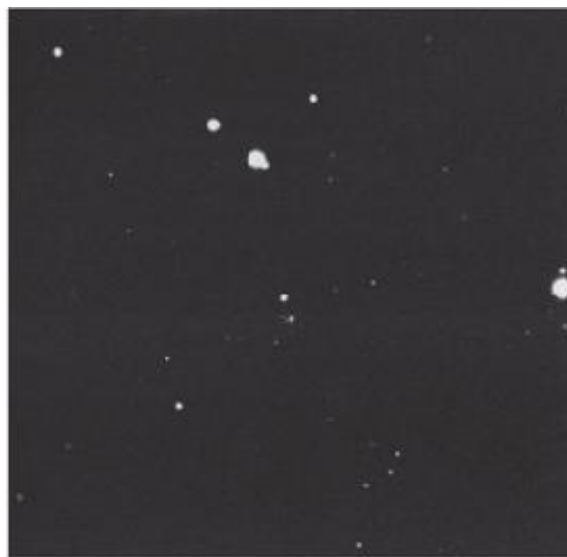
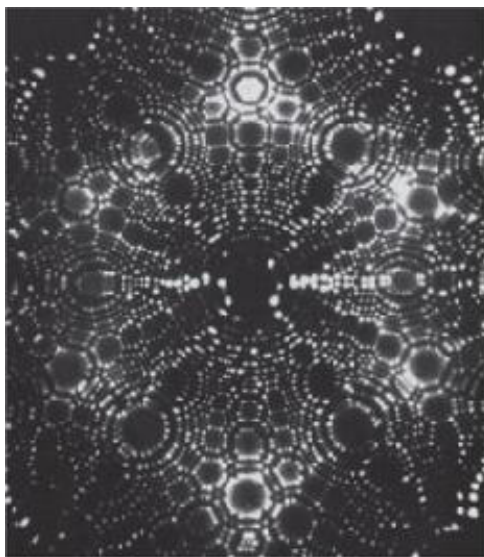


Representações do Sol exprimem, em muitas comunidades, a indefinível experiência religiosa do homem. Decoração da parte posterior de um trono, do século XIV a.C. O faraó egípcio Tutancâmon está dominado por um disco solar. As mãos, em que terminam os raios, simbolizam a energia vivificante do Sol.



Um monge do Japão do século XX ora diante de um espelho que representa, no xintoísmo, o Sol divino.





Átomos de tungstênio, aumentados dois milhões de vezes por um microscópio. Na extrema direita, as manchas ao centro da gravura são as galáxias mais distantes que podemos ver. Não importa até onde o homem estenda os seus sentidos, sempre haverá um limite à sua percepção consciente.

Isso não é matéria de fácil compreensão, mas é preciso entendê-la se quisermos conhecer mais a respeito dos métodos de trabalho da mente humana. O homem, como podemos perceber ao refletirmos um instante, nunca percebe plenamente uma coisa ou a entende por completo. Ele pode ver, ouvir, tocar e provar. Mas a que distância pode ver, quão acuradamente consegue ouvir, o quanto lhe significa aquilo em que toca e o que prova, tudo isso depende do número e da capacidade dos seus sentidos. Os sentidos do homem limitam a percepção que este tem do mundo à sua volta. Utilizando instrumentos científicos ele consegue, em parte, compensar a deficiência dos sentidos. Consegue, por exemplo, aumentar o alcance da sua visão através do binóculo ou apurar a audição por meio de amplificadores elétricos. Mas a mais elaborada aparelhagem nada pode fazer além de trazer ao seu âmbito visual objetos ou muito distantes ou muito pequenos e tornar mais

audíveis sons fracos. Não importa que instrumentos ele empregue; em um determinado momento há de chegar a um limite de evidências e de convicções que o conhecimento consciente não pode transpor.

Além disso, há aspectos inconscientes na nossa percepção da realidade. O primeiro deles é o fato de que, mesmo quando os nossos sentidos reagem a fenômenos reais e a sensações visuais e auditivas, tudo isso, de certo modo, é transposto da esfera da realidade para a da mente. Dentro da mente esses fenômenos tornam-se acontecimentos psíquicos cuja natureza radical nos é desconhecida (pois a psique não pode conhecer sua própria substância). Assim, toda experiência contém um número indefinido de fatores desconhecidos, sem considerar o fato de que toda realidade concreta sempre tem alguns aspectos que ignoramos, uma vez que não conhecemos a natureza radical da matéria em si.

Há, ainda, certos acontecimentos de que não tomamos consciência. Permanecem, por assim dizer, abaixo do seu limiar. Aconteceram, mas foram absorvidos subliminarmente, sem nosso conhecimento consciente. Só podemos percebê-los em algum momento de intuição ou por um processo de intensa reflexão que nos leve à subsequente compreensão de que *devem* ter acontecido. E apesar de termos ignorado originalmente a sua importância emocional e vital, estas mais tarde brotam do inconsciente como uma espécie de segundo pensamento. Este segundo pensamento pode aparecer, por exemplo, na forma de um sonho. Geralmente, o aspecto inconsciente de um acontecimento nos é revelado por meio de sonhos, onde se manifesta não como um pensamento racional, mas como uma imagem simbólica. Do ponto de vista histórico, foi o estudo dos sonhos que permitiu, inicialmente, aos psicólogos investigar o aspecto inconsciente de ocorrências psíquicas conscientes.

Fundamentados nessas observações é que os psicólogos admitem a existência de uma psique inconsciente, apesar de muitos cientistas e filósofos negarem-lhe a existência. Argumentam ingenuamente que tal pressuposição implica a existência de dois “sujeitos” ou (em linguagem comum) de duas personalidades dentro do mesmo indivíduo. E estão inteiramente certos: é exatamente isto o que ela implica. É uma das maldições do homem moderno esta divisão de personalidades. Não é, de forma alguma, um sintoma patológico: é um fato normal, que pode ser observado em qualquer época e em quaisquer lugares. O neurótico cuja mão direita não sabe o que faz a sua mão esquerda não é o caso único. Esta situação é um sintoma de inconsciência geral que é, inegavelmente, herança comum de toda a humanidade.

O homem desenvolveu vagarosa e laboriosamente a sua consciência, num processo que levou um tempo infindável, até alcançar o estado civilizado (arbitrariamente datado de quando se inventou a escrita, mais ou menos no ano 4000 a.C.). Esta evolução está longe da conclusão, pois grandes áreas da mente humana ainda estão mergulhadas em trevas. O que chamamos psique não pode, de modo algum, ser identificado com a nossa consciência e o seu conteúdo.

Quem quer que negue a existência do inconsciente está, de fato, admitindo que hoje em dia temos um conhecimento total da psique. É uma suposição evidentemente tão falsa quanto a pretensão de que sabemos tudo a respeito do universo físico. Nossa psique faz parte da natureza, e o seu enigma é, igualmente, sem limites. Assim, não podemos definir nem a psique nem a natureza. Podemos, simplesmente, constatar o que acreditamos que elas sejam e descrever, da melhor maneira possível, como funcionam. No entanto, fora de observações acumuladas em pesquisas médicas, temos

argumentos lógicos de bastante peso para rejeitarmos afirmações como “não existe inconsciente”. Os que fazem este tipo de declaração estão expressando um velho misoneísmo — o medo do que é novo e desconhecido.

Há motivos históricos para esta resistência à ideia de que existe uma parte desconhecida na psique humana. A consciência é uma aquisição muito recente da natureza e ainda está num estágio “experimental”. É frágil, sujeita a ameaças de perigos específicos e facilmente danificável. Como os antropólogos já observaram, um dos acidentes mentais mais comuns entre os povos primitivos é o que eles chamam “a perda da alma” — que significa, como bem indica o nome, uma ruptura (ou, mais tecnicamente, uma dissociação) da consciência.

Entre esses povos, para quem a consciência tem um nível de desenvolvimento diverso do nosso, a “alma” (ou psique) não é compreendida como uma unidade. Muitos deles supõem que o homem tenha uma “alma do mato” (*bush soul*) além da sua própria, alma que se encarna num animal selvagem ou numa árvore com os quais o indivíduo possua alguma identidade psíquica. É a isso que o ilustre etnólogo francês Lucien Lévy-Bruhl denominou de “participação mística”. Mais tarde, sob pressão de críticas desfavoráveis, renegou esta expressão mas julgou que seus adversários é que estavam errados. É um fenômeno psicológico bem conhecido aquele de um indivíduo identificar-se, inconscientemente, com alguma outra pessoa ou objeto.

Essa identidade entre os povos primitivos toma várias formas. Se a alma do mato é a de um animal, o animal passa a ser considerado uma espécie de irmão do homem. Supõe-se, por exemplo, que um homem que tenha como irmão um crocodilo possa nadar a salvo num rio cheio desses animais. Se a alma do mato for uma árvore, presume-se que a árvore tenha uma espécie de

autoridade paterna sobre aquele determinado indivíduo. Em ambos os casos, qualquer mal causado à alma do morto é considerado uma ofensa ao homem.



“Dissociação” é um fracionamento da psique que provoca uma neurose. Encontramos um famoso exemplo deste estado na ficção, no romance *O médico e o monstro* (1886), de R.L. Stevenson. No livro, a “dissociação” de Jekyll se manifesta por meio de uma transformação física e não (como na realidade) sob a forma de um estado interior psíquico. Mr. Hyde (no filme de 1932) — a “outra metade” do Dr. Jekyll.

Certas tribos acreditam que o homem tem várias almas. Esta crença traduz o sentimento de alguns povos primitivos de que cada ser humano é constituído de várias unidades interligadas apesar de distintas. Isso significa que a psique do indivíduo está longe de ser seguramente unificada. Ao contrário, ameaça fragmentar-se muito facilmente sob o assalto de emoções incontidas.

Esses fatos, com os quais nos familiarizamos através dos estudos antropológicos, não são tão irrelevantes para a nossa civilização como parecem. Também nós podemos sofrer uma dissociação e perder nossa identidade. Podemos ser dominados e perturbados por nossos humores, ou tornarmo-nos insensatos e incapazes de recordar fatos importantes que nos dizem respeito e a outras pessoas, provocando a pergunta: “Que diabo se passa com você?” Pretendemos ser capazes de “nos controlarmos”, mas o controle de si mesmo é uma virtude das mais raras e extraordinárias. Podemos ter a ilusão de que nos controlamos, mas um amigo facilmente poderá nos dizer coisas a nosso respeito de que não tínhamos a menor consciência.

Não resta dúvida de que, mesmo no que consideramos “um alto nível de civilização”, a consciência humana ainda não alcançou um grau razoável de unidade. Ela ainda é vulnerável e suscetível à fragmentação. Esta capacidade que temos de isolar parte de nossa mente é, na verdade, uma característica valiosa. Permite que nos concentremos em uma coisa de cada vez, excluindo todo o resto que também solicite a nossa atenção. Mas existe uma diferença radical entre uma decisão consciente, que separa e suprime temporariamente uma parte da nossa psique, e uma situação na qual isso acontece de maneira espontânea, sem o nosso conhecimento ou consentimento e mesmo contra as nossas intenções. O primeiro processo é uma conquista do ser civilizado, o segundo é aquela “perda da alma” dos primitivos que pode ser causa patológica de uma neurose.

Portanto, mesmo nos nossos dias, a unidade da consciência ainda é algo precário que pode ser facilmente rompido. A faculdade de controlar emoções que, de um certo ponto de vista, é muito vantajosa seria, por outro lado, uma qualidade bastante discutível, já que

despoja o relacionamento humano de toda a sua diversidade, de todo o colorido e de todo o calor.

É sob essa perspectiva que devemos examinar a importância dos sonhos — fantasias inconscientes, evasivas, precárias, vagas e incertas do nosso inconsciente. Para melhor explicar meu ponto de vista gostaria de contar como ele foi se desenvolvendo com o passar dos anos e como cheguei à conclusão de que os sonhos são o mais fecundo e acessível campo de exploração para quem deseja investigar as formas de simbolização do homem.

Sigmund Freud foi o pioneiro nessa matéria, o primeiro cientista a tentar explorar empiricamente o segundo plano inconsciente da consciência. Trabalhou baseado na hipótese de que os sonhos não são produto do acaso, mas que estão associados a pensamentos e problemas conscientes. Essa hipótese nada apresentava de arbitrária. Firmava-se na conclusão a que haviam chegado eminentes neurologistas (como Pierre Janet) de que os sintomas neuróticos estão relacionados com alguma experiência consciente. Parece mesmo que esses sintomas são áreas dissociadas da nossa consciência que, num outro momento e sob condições diferentes, podem tornar-se conscientes.

Antes do início do século XX, Freud e Josef Breuer haviam reconhecido que os sintomas neuróticos — histeria, certos tipos de dor e comportamento anormal — têm, na verdade, uma significação simbólica. São, como os sonhos, um modo de expressão do nosso inconsciente. E são igualmente simbólicos. Um paciente, por exemplo, que enfrenta uma situação intolerável pode ter espasmos cada vez que tenta engolir: “não consegue engolir” a situação. Em condições psicológicas análogas, outro paciente terá acesso de asma: ele “não pode respirar a atmosfera de sua casa”. Um terceiro sofre de uma estranha paralisia nas pernas: não pode andar, isto

é, “não pode continuar assim”. Um quarto paciente, que vomita o que come, “não pode digerir” um determinado fato. Poderia citar inúmeros exemplos deste gênero, mas estas reações físicas são apenas uma das formas pelas quais se manifestam os problemas que nos afligem inconscientemente. Eles se expressam, com muito mais frequência, nos sonhos.



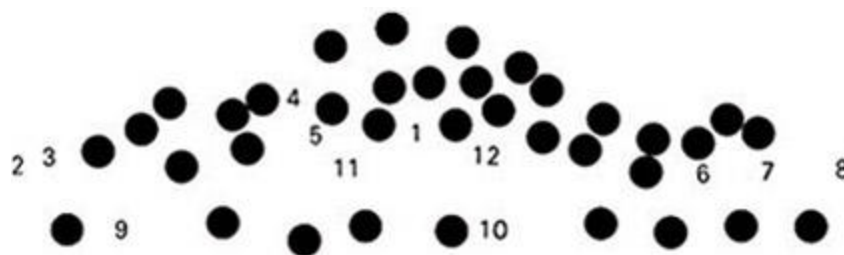
Os povos primitivos chamam de dissociação a “perda da alma”. Acreditam que o homem tem uma “alma do mato”, além da sua própria. Na esquerda, um homem da tribo dos Nyangas, do centro-oeste africano, usando uma máscara de calau, ave que ele identifica como a sua alma do mato.

À direita, diante de um painel, telefonistas fazem várias ligações simultâneas. Nesse tipo de ocupação, as pessoas “dissociam” parte da sua mente consciente para poder concentrar-se. Mas é um ato controlado e temporário, e não uma dissolução espontânea e anormal.

Qualquer psicólogo que tenha ouvido várias descrições de sonhos sabe que os símbolos oníricos existem numa variedade muito maior que os sintomas físicos da neurose. Consistem, inúmeras vezes, de elaboradas e pitorescas fantasias. Mas se o analista que se defronta com este material onírico usar a técnica pessoal de Freud



da “livre associação” vai perceber que os sonhos podem, com o passar do tempo, ser reduzidos a certos esquemas básicos. Essa técnica teve uma importante função no desenvolvimento da psicanálise, pois permitiu que Freud usasse os sonhos como ponto de partida para a investigação dos problemas inconscientes do paciente.



Muitos dos precursores da psicanálise moderna, fotografados em 1911, no Congresso de Psicanálise de Weimar, Alemanha. A legenda identifica algumas das personalidades mais conhecidas.

- |                                  |                            |                                |
|----------------------------------|----------------------------|--------------------------------|
| 1 Sigmund Freud (Viena)          | 5 Max Eitingon (Berlim)    | 9 Eugen Bleuler (Zurique)      |
| 2 Otto Rank (Viena)              | 6 James J. Putnam (Boston) | 10 Emma Jung (Küsnacht)        |
| 3 Ludwig Binswanger (Kreuziling) | 7 Ernest Jones (Toronto)   | 11 Sandor Ferenczi (Budapeste) |
| 4 A. A. Brill (Kanozuga)         | 8 Wilhelm Stekel (Viena)   | 12 C.G. Jung (Küsnacht)        |

Freud fez a observação simples, mas profunda, de que se encorajarmos o sonhador a comentar as imagens dos seus sonhos e os pensamentos que elas lhe sugerem, ele acabará por “entregar-se”, revelando o fundo inconsciente de seus males, tanto no que diz quanto no que deixa deliberadamente de dizer. Suas ideias poderão parecer irracionais ou despropositadas, mas, depois de um certo tempo, torna-se relativamente fácil descobrir o que ele está querendo evitar, o pensamento ou a experiência desagradável que está reprimindo. Não importa como vai tentar camuflar tudo isso, o que quer que diga apontará sempre para o cerne das suas dificuldades. Um médico está tão habituado às dificuldades da vida que ele raramente está errado quando interpreta as insinuações do seu paciente como sintomas de uma consciência inquieta. E o que acaba por descobrir vai confirmar, infelizmente, as suas previsões.

Até aqui nada se pode objetar contra a teoria de Freud sobre a repressão e a satisfação imaginária dos desejos como origens evidentes do simbolismo dos sonhos.

Freud atribui aos sonhos uma importância especial como ponto de partida para o processo da livre associação. Mas, depois de algum tempo, comecei a sentir que esta maneira de utilizar a riqueza de fantasias que o inconsciente produz durante o nosso sono era, na verdade, inadequada e ilusória. Minhas dúvidas surgiram quando um colega contou-me uma experiência que teve numa longa viagem de trem pela Rússia.



O teste do “borrão de tinta”, projetado pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach. O formato da mancha pode servir de estímulo a livres associações. Na verdade, qualquer forma irregular e acidental é capaz de desencadear um processo associativo. Leonardo da Vinci escreveu no seu *Caderno de notas*: “Não deve ser difícil a você parar algumas vezes para olhar as manchas de uma parede, ou as cinzas de uma fogueira, ou as nuvens, a lama e outras coisas no gênero nas quais (...) vai encontrar ideias verdadeiramente maravilhosas.”

Apesar de não conhecer a língua e nem mesmo decifrar os caracteres do alfabeto cirílico, ele começou a divagar em torno das estranhas letras dos anúncios das estações por onde passava, e acabou caindo numa espécie de devaneio, pondo-se a imaginar todo tipo de significação para aquelas palavras.

Uma ideia leva a outra e, naquele estado de relaxamento em que se encontrava, descobriu que esta livre associação despertara nele muitas lembranças antigas. Entre elas, ficou desagradavelmente surpreendido com a descoberta de alguns assuntos bem

incômodos e há muito sepultados na sua memória — coisas que desejara esquecer e que conseguira fazê-lo *conscientemente*. Na verdade, ele chegou ao que os psicólogos chamariam de seus “complexos” — isto é, temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes ou mesmo, em alguns casos, sintomas de neurose.

Este episódio alertou-me para o fato de que não seria necessário utilizar o sonho como ponto de partida para o processo da livre associação quando se quer descobrir os complexos de um paciente. Mostrou-me que podemos alcançar o centro diretamente de qualquer dos pontos de uma circunferência, a partir do alfabeto cirílico, de meditações sobre uma bola de cristal, de um moinho de orações dos lamaístas, de uma pintura moderna ou, até mesmo, de uma conversa ocasional a respeito de qualquer banalidade. O sonho não vai ser, neste particular, mais ou menos útil do que qualquer outro ponto de partida que se tome. No entanto, os sonhos têm uma significação própria, mesmo quando provocados por alguma perturbação emocional em que estejam também envolvidos os complexos habituais do indivíduo, que são pontos sensíveis da psique que reagem mais rapidamente aos estímulos ou perturbações externas. É por isso que a livre associação pode levar o indivíduo de um sonho qualquer aos pensamentos secretos mais críticos.

Nessa altura ocorreu-me, no entanto, que se até ali eu estivera certo, podia-se razoavelmente deduzir que os sonhos têm uma função própria, mais especial e significativa. Muitas vezes têm uma estrutura bem definida, com um sentido evidente indicando alguma ideia ou intenção subjacente — apesar de estas últimas não serem imediatamente inteligíveis. Comecei, pois, a considerar se não deveríamos prestar mais atenção à forma e ao conteúdo do sonho em vez de nos deixarmos

conduzir pela livre associação de uma série de ideias para então chegar aos complexos, que poderiam ser facilmente atingidos também por outros meios.

Esse novo pensamento foi decisivo para o desenvolvimento da minha psicologia. A partir daquele momento desisti, gradualmente, de seguir as associações que se afastassem muito do texto de um sonho. Preferi, antes, concentrar-me nas associações com o próprio sonho, convencido de que o sonho expressaria o que de específico o inconsciente estivesse tentando dizer.

Tal mudança de atitude acarretou uma conseqüente transformação nos meus métodos, uma nova técnica que levava em conta todos os vários e amplos aspectos do sonho. Uma história narrada pelo nosso espírito consciente tem início, meio e fim; o mesmo não acontece com o sonho. Suas dimensões de espaço e tempo são diferentes. Para entendê-lo é necessário examiná-lo sob todos os seus aspectos — exatamente como quando tomamos um objeto desconhecido nas mãos e o viramos e reviramos até nos familiarizarmos com cada detalhe.

Talvez agora eu já tenha dito o suficiente para mostrar como, cada vez mais, foi aumentando a minha discordância em relação à livre associação como Freud a utilizara inicialmente. Eu desejava manter-me o mais próximo possível do sonho, excluindo todas as ideias e associações irrelevantes que ele pudesse evocar. É verdade que tais ideias e associações podem levar-nos aos complexos do paciente, mas eu tinha em mente um objetivo bem mais avançado do que a descoberta de complexos causadores de distúrbios neuróticos. Há muitos outros meios de identificação dos complexos: os psicólogos, por exemplo, podem obter todas as indicações e referências de que necessitam utilizando os testes de associação de palavras, perguntando ao paciente o que ele associa a um determinado grupo de

palavras e estudando, então, as suas respostas. Mas para conhecer e entender a organização psíquica da personalidade global de uma pessoa é importante avaliar quão relevante é a função de seus sonhos e imagens simbólicas.

A maioria das pessoas sabe, por exemplo, que o ato sexual pode ser simbolizado por uma imensa variedade de imagens (ou representado sob forma alegórica). Cada uma dessas imagens pode, por um processo associativo, levar à ideia da relação sexual e aos complexos específicos que se incluem no comportamento sexual de um indivíduo. Mas, da mesma maneira, podemos descobrir esses complexos graças a um devaneio em torno de um grupo de letras indecifráveis do alfabeto russo. Fui, assim, levado a admitir que um sonho pode conter outra mensagem além de uma alegoria sexual, e que isso acontece por motivos específicos. Para ilustrar esta observação:



Dois possíveis estímulos à livre associação: o disco de orações de um mendigo do Tibete (à esquerda) ou a bola de cristal de uma moderna quiromante de uma feira inglesa (à direita).

Um homem sonha que enfiou uma chave numa fechadura, ou que está empunhando um pesado pedaço de pau, ou que está forçando uma porta com um aríete. Cada um desses sonhos pode ser considerado uma alegoria, um símbolo sexual. Mas o fato de o inconsciente ter escolhido, por vontade própria, uma dessas imagens específicas — a chave, o pau ou o aríete —, é também da maior significação. A verdadeira tarefa é compreender *por que* a chave foi escolhida em lugar do pau, ou por que o pau em lugar do aríete. E vamos algumas vezes descobrir que não é um ato sexual que ali está representado, mas algum aspecto psicológico inteiramente diverso.

Concluí, seguindo essa linha de raciocínio, que só o material que é parte clara e visível de um sonho pode ser utilizado para a sua interpretação. O sonho tem seus próprios limites. Sua própria forma específica nos mostra o que a ele pertence e o que dele se afasta. Enquanto a livre associação, numa espécie de linha em zigue-zague, nos afasta do material original do sonho, o método que desenvolvi se assemelha mais a um movimento de circunvolução cujo centro é a imagem do sonho. Trabalho em torno da imagem do sonho e desprezo qualquer tentativa do sonhador para dela escapar. Inúmeras vezes, na minha atividade profissional, tive de repetir a frase: “Vamos voltar ao seu sonho. O que dizia o *sonho*?”





Uma das inúmeras imagens simbólicas ou alegóricas do ato sexual é a caça ao veado. À direita, detalhes de um quadro do pintor quinhentista alemão Cranach. As implicações sexuais com a caçada ao veado estão acentuadas em uma canção folclórica medieval chamada “O guardador”.

*Na primeira corça em que atirou ele não acertou.*

*A segunda que ele parou, ele beijou.*

*E a terceira fugiu para o coração de um jovem.*

*E ficou, oh, entre as verdes folhas.*

Um paciente meu, por exemplo, sonhou com uma mulher desgrenhada, vulgar e bêbada. No sonho parecia ser a sua própria mulher, apesar de estar casado, na vida real, com uma pessoa inteiramente diferente. Aparentemente, portanto, o sonho era de uma falsidade chocante e o paciente logo o rejeitou como uma fantasia tola. Se, como médico, eu tivesse iniciado um processo de associação, ele inevitavelmente teria tentado se afastar o máximo possível da desagradável sugestão do



sonho. Nesse caso, teria acabado por chegar a um dos seus complexos básicos — complexo que, possivelmente, nada teria a ver com sua mulher — e nada saberíamos então a respeito do significado especial daquele determinado sonho.

O que queria, então, o seu inconsciente transmitir com aquela declaração obviamente inverídica? De certa forma, expressava claramente a ideia de uma mulher degenerada, intimamente ligada à vida do sonhador. Mas como a imagem era realmente inexata e não havia justificativa na projeção dela sobre a mulher do meu paciente, eu precisava procurar em outro lugar o que representaria aquela figura repulsiva.

Na Idade Média, muito antes de os filósofos terem demonstrado que trazemos em nós, devido a nossa estrutura glandular, ambos os elementos — o masculino e o feminino —, dizia-se que “todo homem traz dentro de si uma mulher”. É esse elemento feminino, que há em todo homem, que chamei “*anima*”. Esse aspecto “feminino” é, essencialmente, uma maneira secundária que o homem tem de se relacionar com o seu ambiente e sobretudo com as mulheres, e que ele esconde tanto das outras pessoas quanto de si mesmo. Em outras palavras, apesar de a personalidade visível do indivíduo parecer normal, ele poderá estar escondendo dos outros — e mesmo dele próprio — a deplorável condição da sua “mulher interior”.

Foi o que aconteceu com meu paciente: o seu lado feminino não estava bem. E o seu sonho estava lhe dizendo: “Você está se comportando, em certos aspectos, como uma mulher degenerada”, dando-lhe assim um choque propositado. Cabe dizer, no entanto, que não se deve concluir por este exemplo que o nosso inconsciente esteja preocupado com sanções “morais”. O sonho não pretendia dizer ao paciente que “se comportasse melhor”: estava tentando simplesmente

contrabalançar a natureza mal equilibrada da sua consciência, que alimentava a simulação do doente de ser sempre um perfeito cavalheiro.

É fácil compreender por que quem sonha tem tendência a ignorar e até rejeitar a mensagem do seu sonho. A consciência resiste, naturalmente, a tudo que é inconsciente e desconhecido. Já assinalei a existência, entre os povos primitivos, daquilo a que os antropólogos chamam “misoneísmo”, um medo profundo e supersticioso do novo. Ante acontecimentos desagradáveis, os primitivos têm as mesmas reações do animal selvagem. O homem “civilizado” reage a ideias novas da mesma maneira, erguendo barreiras psicológicas que o protegem do choque trazido pela inovação. Pode-se facilmente observar esse fato na reação do indivíduo ao seu próprio sonho, quando ele é obrigado a admitir algum pensamento inesperado. Muitos pioneiros da filosofia, da ciência e mesmo da literatura foram vítimas desse conservadorismo inato dos seus contemporâneos. A psicologia é uma das ciências mais novas e, por tratar do funcionamento do inconsciente, encontrou inevitavelmente o misoneísmo na sua forma mais extremada.



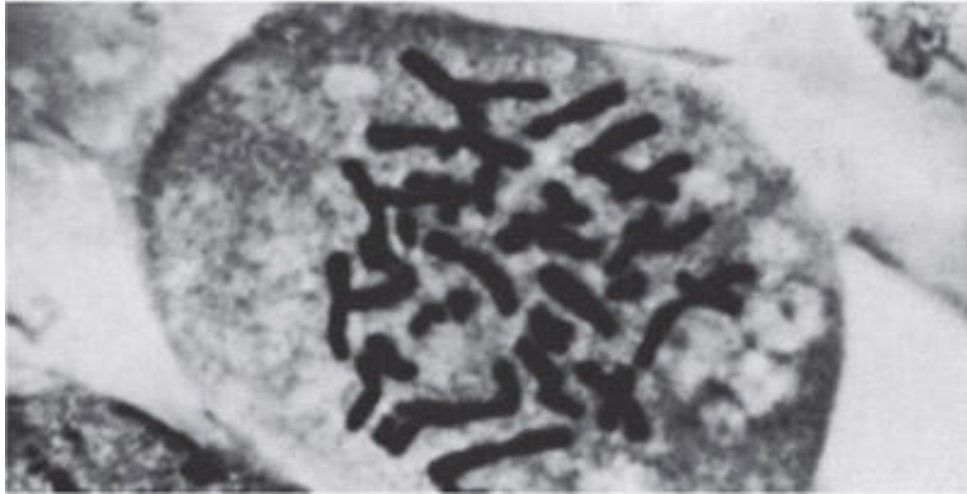
Uma chave na fechadura pode ser um símbolo sexual, mas não invariavelmente. Detalhe do retábulo de um altar pelo artista quatrocentista flamengo Campin. A porta simbolizaria a esperança, a fechadura significaria a caridade e a chave, o desejo de encontrar Deus.



Um bispo britânico ao consagrar uma igreja cumpre uma cerimônia tradicional batendo na porta com o báculo que, obviamente, não é símbolo fálico, mas símbolo de autoridade, o cajado do pastor. Não se pode dizer de nenhuma imagem simbólica que ela tinha um significado universal e dogmático.



*Anima* é o elemento feminino no inconsciente masculino (tanto a *anima* quanto o *animus* do inconsciente feminino são discutidos no Capítulo III). Essa dualidade interior é simbolizada muitas vezes por uma figura hermafrodita, como a que está acima, reproduzida de um manuscrito alquímico do século XVII.



Uma imagem física da “bissexualidade” psíquica do homem: uma célula humana com os seus cromossomas. Todo organismo tem dois grupos de cromossomas, um de cada um dos progenitores.

## O PASSADO E O FUTURO NO INCONSCIENTE

Esbocei, até aqui, alguns dos princípios em que me baseei para chegar à questão dos sonhos, pois quando se deseja investigar a faculdade humana de produzir símbolos, os sonhos são, comprovadamente, o material fundamental e mais acessível para isso. Os dois pontos essenciais a respeito dos sonhos são os seguintes: em primeiro lugar, o sonho deve ser tratado como um fato a respeito do qual não se fazem suposições prévias, a não ser a de que ele tem um certo sentido; em segundo lugar, é necessário aceitarmos que o sonho é uma expressão específica do inconsciente.

Difícilmente poder-se-á expor esses princípios de maneira mais despreziosa. E mesmo que algumas pessoas menosprezem o inconsciente, têm de admitir que é válido investigá-lo; o inconsciente está, no mínimo, no mesmo nível do piolho que, afinal, desfruta do interesse honesto do entomologista. Se aqueles que possuem pouca experiência e escassos conhecimentos a respeito dos sonhos consideram-nos apenas ocorrências caóticas sem qualquer significação, têm toda a liberdade de fazê-lo. Mas se julgarmos o sonho um acontecimento normal (o que, na verdade, ele é) temos de ponderar que ou ele é causal — isto é, há uma causa racional para a sua existência — ou, de certo modo, intencional. Ou ambos.

Vamos agora observar um pouco mais de perto os diversos modos pelos quais se ligam os conteúdos conscientes e inconscientes da nossa mente. Tomemos um exemplo com que estamos todos familiarizados: de repente, não podemos lembrar do que íamos dizer, apesar de há instantes o pensamento estar perfeitamente claro. Ou talvez queiramos apresentar um

amigo e o seu nome nos escape na hora de pronunciá-lo. Diremos que não conseguimos nos lembrar, mas, na realidade, o pensamento tornou-se inconsciente ou, pelo menos, momentaneamente separado do consciente. Ocorre o mesmo fenômeno com os nossos sentidos. Se ouvirmos uma nota contínua emitida no limite da audibilidade, o som parece interromper-se a intervalos regulares para começar de novo. Essas oscilações são causadas por uma diminuição e um aumento periódicos da nossa atenção e não por qualquer alteração na nota.

Quando alguma coisa escapa da nossa consciência, essa coisa não deixou de existir, do mesmo modo que um automóvel que desaparece na esquina não se desfez no ar. Apenas o perdemos de vista. Assim como podemos, mais tarde, ver novamente o carro, também reencontramos pensamentos temporariamente perdidos.

Parte do inconsciente consiste, portanto, de uma profusão de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos e que, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar nossas mentes conscientes. Um homem desatento ou “distraído” pode atravessar uma sala para buscar alguma coisa. Ele para, parecendo perplexo; esqueceu o que buscava. Suas mãos tateiam pelos objetos de uma mesa como se fosse um sonâmbulo; não se lembra do seu objetivo inicial mas ainda se deixa, inconscientemente, guiar por ele. Percebe então o que queria. Foi o seu inconsciente que o ajudou a se lembrar.

Se observarmos o comportamento de uma pessoa neurótica podemos vê-la fazendo muitas coisas de modo aparentemente intencional e consciente. No entanto, se a questionarmos, descobriremos que ou não tem consciência alguma das ações praticadas ou então que pensa em coisas bem diferentes. Ouve mas está surda, vê mas está cega, sabe e parece ignorante. Esses exemplos são tão frequentes que o especialista logo



compreende que aquilo que está contido inconscientemente no nosso espírito comporta-se como se fosse consciente, e que nunca se pode ter certeza, em tais casos, se pensamento, fala ou ação são conscientes ou não.



O “misoneísmo”, medo e ódio irracionais de ideias novas, foi um grande obstáculo à aceitação geral da psicologia moderna. A teoria evolucionista de Darwin também sofreu essa oposição — um professor norte-americano, chamado Scopes, foi julgado em 1925 por ter ensinado a evolução. Na esquerda, o advogado Clarence Darrow defendendo Scopes. Na direita, o próprio Scopes.

Apoiamos os direitos autorais.  
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



[umanovatterra.pt](http://umanovatterra.pt)